

Circular

21

DEZ. 1972

boletim interno dos colaboradores da a.e.f.c.l.

ALGUMAS QUESTÕES IMPORTANTES PARA A COMPREENSÃO DA NOSSA LUTA DAS NOSSAS TAREFAS TEXTO POLEMICO Nº 3

SOBRE A LUTA CONTRA A REPRESSÃO

—a razão de ser da repressão

"A repressão existe não é pela "malvadez" de uns tantos "extremistas" do governo; ela surge quando a defesa dos interesses da minoria exploradora, da classe que tem o poder nas mãos assim o exige."

(in "O TRABALHO FEDERATIVO E A QUESTÃO DO COMERCIAL E INDUSTRIAL")

De um modo esquemático podemos dizer que a sociedade se encontra dividida em duas classes: uma delas — a burguesia — é minoritária e tem nas mãos todos os meios de produção e o dinheiro que daí advém; a outra — a população trabalhadora — que constitui a grande maioria, apenas possui a sua força de trabalho que vende à burguesia.

Esta vive pois à custa do trabalho daqueles que nada possuem e aos quais paga o estritamente necessário para não morrerem de fome e continuarem a trabalhar com eficácia, ou seja, a dar-lhes o necessário rendimento que permita satisfazer as necessidades da produção e dar lucros aos patrões.

Esta situação que só é favorável a uma minoria dentro da sociedade, é mantida e assegurada por essa minoria através do governo, que a representa, e de todo o aparelho repressivo de que dispõe.

Toda a política defendida pelo governo é no sentido de manter esta estruturação social e de aumentar os lucros da classe que representa.

E se, ao que o governo impõe diariamente, através das suas leis e instituições, há alguma resistência, a repressão que se abate logo visa recompor as coisas, garantir a ordem estabelecida.

Vemos pois claramente que a repressão não surge por acaso, mas que ela tem uma natureza de classe, ou seja, tem por base a necessidade que a classe minoritária tem de fazer prevalecer os seus interesses, face a uma classe majoritária que quer continuar a explorar.

—o que se passa no campo do ensino

Todo o ensino, quer pelo seu conteúdo, quer pela maneira como é ministrado, visa também - e como não podia deixar de ser numa sociedade em que uma classe domina a outra - servir a classe que detém o poder.

A política do governo em relação ao ensino garante a formação de técnicos e professores que uma vez terminados os estudos se integrem na sociedade e trabalhem dentro dos esquemas estabelecidos, sem os pôr em causa, e dando uma contribuição para a satisfação das necessidades da burguesia.

Vemos assim que, só pessoas despolitizadas e passivas ou politizadas dentro da ideologia dominante, e em ambos os casos tecnicamente perfeitas, podem servir para as funções que lhe destinam.

Por isso somos submetidos a uma verdadeira lavagem ao cérebro desde a escola primária; por isso nos dão uma visão unilateral da evolução da ciência e querem impedir a todo o custo a formação de um espírito crítico perante ensino que nos ministram; por isso se esforçam por aperfeiçoar e actualizar todos os conhecimentos que nos "enfião", embora por vezes não o consigam devido a falhas internas ao próprio sistema vigente.

É esta necessidade de manter o ensino dentro de certos limites que leva o Governo não só a reprimir diariamente os estudantes, através dos métodos de ensino, regime de frequências e faltas, exames, etc., como o leva também a reprimir por formas mais violentas (intervenções policiais, prisões, etc.) quando falham os métodos mais subtis e os estudantes começam a tomar posições progressistas, pondo em causa este ensino e definindo simultaneamente que ensino querem e ao serviço de quem querem que ele esteja.

— como encarar a luta contra a repressão

O movimento associativo dos estudantes define objectivos a alcançar, no desenvolvimento desse movimento.

A orientação que define como objectivo no geral a Universidade Popular, define ainda como objectivo intermédio a consolidação interna. Portanto qualquer luta que se trava tem que ter em vista o avanço do movimento em direcção a tal objectivo.

A luta contra a repressão, faz-se diariamente e também nas alturas em que ela se agudiza mais, mas sempre na medida em que essa luta vai permitir o avanço do movimento através da elevação do nível da consciência dos estudantes; através da raícação do movimento associativo nos estudantes; através do aumento do número e da formação crítica

dos colaboradores; em suma através de um caminhar no sentido da consolidação interna.

Por isso em cada caso concreto temo. que analisar vários factores para conceuir qual a melhor forma de conduzir a luta e quais as melhores formas de luta a adoptar nesse caso.

" a repressão ao surgir, gera consigo condições da sua própria destruição; pois cria a predisposição para a luta contra ela em amplas camadas de estudantes"

(in "O TRABALHO FEDERATIVO E A QUESTÃO DO COMERCIAL E INDUSTRIAL")

"A repressão, ao desencadear-se, gera um certo potencial de mobilização. Cabe à vanguarda - conjunto de estudantes associativos activos, neste caso - através do seu trabalho, transformar esse potencial em mobilização efectiva, em luta.

Saber resolver correctamente a questão que se segue, é de importancia vital para as Associações de Estudantes: perante uma situação concreta repressiva, quais são as formas e proporções de luta que a vanguarda deve fazer tudo para que se consiga atingir? Que amplitude pode esta luta alcançar?

A medida desta amplitude encontram-na as AEE precisamente na repercussão que a investida repressiva pode ter de imediato nas massas estudantis. De notar que dizemos "pode ter" e não "tem"; isto pelo que dissémos atrás quanto ao papel a desempenhar pela vanguarda.

Se a resposta for ~~ma~~ fraca do que o que esse potencial permitiria prever, o Governo não deixará de aproveitar a ocasião para desferir mais uns quantos golpes, pela impunidade que antevê. Se a vanguarda se lança nas AEE a uma resposta mais forte do que a que as amplas camadas intermédias — estudantes despolitizados, normalmente passivos mas não comprometidos definitivamente com a classe burguesa de origem — poderiam seguir isola-se... e este segundo caso acaba por se resumir ao primeiro"

in "Circular 20"

Portanto para que a resposta à repressão nos permita fortalecer o Movimento, ela tem, entre outras coisas, de entrar em conta com a correlação de forças, ou seja, com a força do Movimento e dos seus aliados progressistas em relação à força do Governo e dos seus aliados reacccionários.

Desprezar isto é entrar numa luta que levará necessariamente ao seu esborçar e pode até provocar um atraso importante no Movimento Associativo.

Crítica aos Reformistas

A crítica principal a fazer aos dirigentes e colaboradores que defendem a "Reforma Geral e democrática do Ensino" é que eles consideram a repressão como descontinua e fazendo-se sentir só de vez em quando sob formas violentas.

Nessa altura eles põem toda a luta a reboque da luta contra essa investida da Repressão e consideram-na como um objectivo.

Deturpam pois o que na realidade acontece e como tal isto traz sempre um atraso ao Movimento que se traduz na maior parte dos casos em não dar uma resposta adequada à Repressão e ainda em deixar o Movimento totalmente de rastos e desprotegido por se ter

desviado as atenções dos estudantes somente para essa luta, abandonando tudo o resto que na altura se estava a fazer.

Contribuindo para a ineficácia desta resposta estão ainda as formas de luta e a perspectivação que dão à mesma.

Assim eles enganam os estudantes dando-lhes a entender^{que} por meio da indignação que mostram, podem fazer as autoridades reconsiderar e recuar nas posições injustas que tomaram. Mascaram pois a origem de classe da repressão, o que leva a recorrer a formas de luta que em vez de exigir o recuo das autoridades : passarão à prática tomando medidas para anular a repressão, se ficam pelo pedido às autoridades académicas ou pelas grandes jornadas de luta que não passam de realização de reuniões de massas, subordinadas a estas discussões estúreis, ou da realização de concentrações, telegramas etc... todos destinados a fazer recuar as autoridades pela lógica! ...

DEZ 72 - A.E.F.C.L.